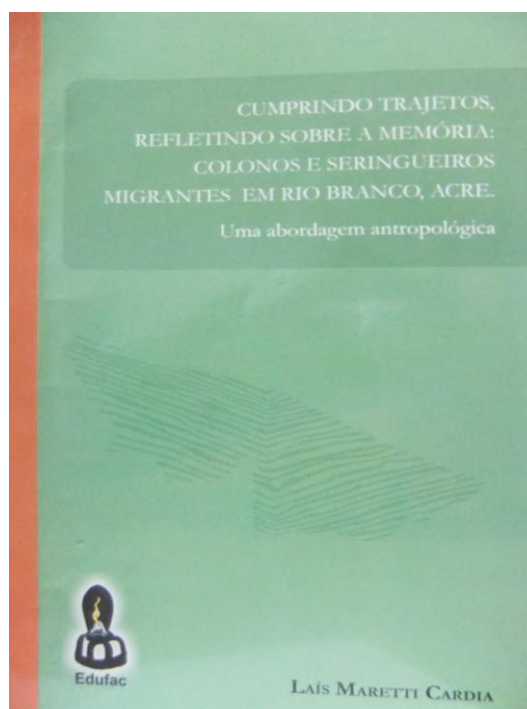


RESENHA

CARDIA, Laís Maretti. *Cumprindo trajetos, refletindo sobre a memória: colonos e seringueiros migrantes em Rio Branco, Acre* -Uma abordagem antropológica. Rio Branco: Edufac, 2010. 231p.



Janaína Mourão Freire

Graduada em Geografia pela Universidade de Brasília
Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás
Câmpus Samambaia (Câmpus II). Caixa Postal: 131. Goiânia, GO.
E-mail: janainamourao@gmail.com

Em sua obra a autora buscou compreender de que modo a migração é vivenciada por colonos e seringueiros no bairro Cidade Nova, próximo ao centro de Rio Branco, Acre. Para realização da pesquisa optou por não priorizar colonos ou seringueiros, dedicando-se igualmente ao entendimento de ambos.

O livro está organizado em duas grandes partes que procedem a uma introdução. A primeira parte foi dividida em três capítulos que possibilitam uma conceituação mais detalhada das categorias que serviram como base para as análises. Na segunda parte a autora discute os dados coletados com os habitantes do bairro Cidade Nova em 4 capítulos e traz suas conclusões nas considerações finais.

A introdução, como é possível ver abaixo, traz um breve panorama de quem são os colonos e seringueiros, o que a autora pretendeu pesquisar e a metodologia utilizada para alcançar os resultados.

Os seringueiros e colonos estudados vinham do PAD (Projeto de Assentamento Dirigido) Pedro Peixoto situado na BR 364 que liga Rio Branco e Porto Velho, porque o mesmo não possuía condições físicas para as famílias se estabelecerem.

Os colonos antes de chegarem ao PAD vinham da região sul do país e eram descendentes de italianos e alemães. Acostumados a trabalhar com lavouras, rumaram para o Acre com muita expectativa quanto ao novo modo de vida. No entanto, a falta de acesso à sementes e outros materiais não lhes permitiu permanecer por mais de um ano no PAD. Tempos depois de alguns seringueiros, seguiram à cidade em busca de novas oportunidades. Colonos e seringueiros, por mais distante que fosse sua terra natal, passaram a conviver.

Laís Maretti Cardia justifica a escolha de estudar a migração porque “é extremamente relevante, para a análise, o resgate da trajetória, da história e da memória dos migrantes. Um resgate que nos ajuda a compreender suas percepções, avaliações, opções, sentimentos e perspectivas de vida” (CARDIA, p.17). Utiliza autores como: Durham (1973), Martins (1997), Sayad(1998), Valcuende del Rio (1998) e Silva(1981).

Pode-se verificar na citação acima que a autora se propõe a trabalhar com a memória e isso fundamenta a sua escolha pelo “olhar antropológico”, pois, segundo ela, os estudos de migração, em sua maioria, não se preocupam com as experiências vividas pelo próprio migrante.

O bairro Cidade Nova esta localizado a três quilômetros do centro de Rio Branco. É uma periferia constituída muito perto das zonas desenvolvidas da cidade. O bairro é a primeira área de invasão da cidade e hoje abriga mais famílias do que as estabelecidas por volta da década de 70/80. Os colonos e seringueiros vivem na parte baixa da cidade, às margens do rio Acre, estão sujeitos a inundações e não possuem qualquer infraestrutura.

Para pesquisa foram levantados dados de 20 famílias e esta teve a duração de quatro meses, entre abril e julho de 2002. Foi realizada com homens e mulheres e algumas conversas com crianças também deram suporte para o trabalho. Seu Manoel, o morador mais antigo do bairro, foi um mediador no contato com as famílias, para que estas sentissem segurança em participar das entrevistas. Em geral, as entrevistas ocorreram nas casas e sempre após um contato prévio que possibilitava os moradores estarem mais confiantes quanto a presença da pesquisadora. Segundo a autora, as

técnicas qualitativas utilizadas foram: entrevistas, observação participante, diário de campo e histórias de vida.

A Parte 1 foi intitulada como: *Bases Teórico-conceituais; Migrações, Espaço, Território e Lugar, Memória e Identidade*. Esta inicia com um capítulo denominado: *Estudos sobre migração: Migração no estado do Acre*. As primeiras páginas podem ser consultadas por pessoas que se interessam em conhecer o histórico do estudo das migrações, visto que a autora traz um panorama bem claro de autores que vem trabalhando com essa temática. Ela aceita que a migração ocorre quando há uma movimentação espacial, ou seja, um deslocamento geográfico e esse deslocamento deve ser duradouro com uma mudança de lugares sociais.

Laís Maretti Cardia acredita que a migração exige do migrante a construção de uma nova vida pelas mudanças sociais e culturais na qual estão sujeitos. “Entendo que viver numa sociedade cujos valores e cultura são diferentes dos da sociedade de origem implica, principalmente, na recriação de expectativas e interesses por parte dos próprios migrantes” (CARDIA, p.41). Além disso, a adaptação pode ser complicada, inclusive, por atitudes racistas e/ou xenofóbicas por parte da sociedade de destino. No entanto, não se pode deixar de registrar que o movimento migratório também pode vir a ser um componente importante para intercâmbio cultural e troca de experiências.

As migrações para a Amazônia, em especial para a Amazônia ocidental, se intensificam em meados do século XIX sofrendo quedas e aumentos ligados, durante um longo tempo, a produção de látex. Muitos nordestinos se deslocaram para o Acre para atender a demanda internacional pela borracha brasileira. O Brasil era o maior exportador da matéria prima. Porém, para quebrar a hegemonia brasileira, a Inglaterra inicia a plantação de seringueira nas suas colônias asiáticas e a crise assola os brasileiros. O governo, com seu pouco apoio não consegue reverter a situação e por isso, muitos seringais foram abandonados. Muitos migrantes retornaram as suas casas.

Durante a Segunda Guerra Mundial países precisaram novamente da borracha brasileira e a Amazônia voltou a ser um polo receptor de migrantes. Os seringueiros se tornaram os Soldados da Borracha. Com o término da grande guerra a Ásia volta a dominar o mercado e mais uma vez o Brasil é açoitado com uma crise econômica que mesmo com diversas tentativas, não pôde ser remediada.

Nas décadas de 70/80 trabalhadores rurais migraram para os centros urbanos do Acre principalmente por causa da alta venda de seringais a especuladores do centro-sul brasileiro. Com isso houve a formação de algumas zonas periféricas de baixa renda, dentre elas o bairro Cidade Nova.

No segundo capítulo dessa primeira parte, a autora define três categorias: Espaço, Território e Lugar. Mais uma vez temos uma rica fonte bibliográfica para aqueles que estudam o tema. Autores como: Durkheim (2001), Mauss (1969), Halbwachs (1968), Levi-Strauss (1953), Machado (1996) e Valva (2001) foram consultados. Inicialmente, a autora deixa claro que para ela esses conceitos estão relacionados ao subjetivo e possuem uma dimensão cultural envolvida. A partir disso, desenvolve uma revisão bibliográfica de como a antropologia tem abordado esses termos.

No terceiro capítulo a autora se dedica a definição de identidade e memória sociais utilizando-se dentre outros, os seguintes autores: Cohen (1969), Leach (1993), Fearon (1997), Barth (1998), Maffesoli (1992) e Pollak (1992). Antes de falar efetivamente dessas duas categorias, ela sugere definir organização social visto que os colonos e seringueiros se reordenaram socialmente e isso alterou de alguma forma a sua identidade.

Em síntese, a identidade, que é algo mutável, está relacionada a memória e a forma como essa é construída. Para a autora a memória do passado é a expressão da identidade de colonos e seringueiros pois há um sentimento de pertencimento envolvido. No entanto, a memória também é dinâmica e mesmo transmitida de gerações em gerações, é um relato do presente sobre algo as vezes bem remoto e assim como os fatos passados influenciam o presente, o presente pode modificar ou até mesmo distorcer a forma como o passado é narrado.

A segunda parte do livro é denominada: *Etnografia do tema: trajetórias em memória de colonos e seringueiros em Rio Branco*. Para compor a sua análise leu autores como: Santos (1993), Cavalcanti (1983), Oliveira (1990) dentre outros. O primeiro capítulo sob o título: *Trajetoárias sociais e itinerários migratórios de colonos e de seringueiros* traz relatos de colonos e seringueiros sobre a peleja vivida até o seu estabelecimento no bairro Cidade Nova, em Rio Branco.

Como foi dito, os colonos são assim chamados por serem descendentes de europeus mas na prática vivem como camponeses e queriam manter sua condição pois a terra é a sua identidade. No entanto a baixa fertilidade do solo em conjunto com outras dificuldades levaram famílias a irem para a cidade. No início os seringueiros e colonos se auxiliaram bastante mas com o tempo foi havendo um afastamento que até hoje existe. A diferença de origem e prática de vida faz emergir alguns conflitos.

Os seringueiros saíram da floresta por causa da crise que assolou a produção de látex no país. Como estavam habituados ao extrativismo e não a agricultura não se adaptaram ao PAD. A única opção foi ir para a cidade.

Após uma breve introdução a autora inicia o segundo capítulo falando do sentido de lugar constituído por eles após a chegada no bairro Cidade Nova. Analisaremos em conjunto o terceiro capítulo dedicado mais especificamente ao cotidiano do bairro.

A cidade, para eles, é segregacionista. Embora saibam da diversidade de oportunidades que existem, eles tem acesso limitado. Alguns admitem que é bom ter os filhos nas escolas, porém há a questão das drogas, bebidas e outros problemas que supostamente seus descendentes estariam livres se ainda vivessem na floresta ou no campo. Laís Maretti Cardia percebe que para seringueiros e colonos a cidade é um lugar de muitas oportunidades, mas as suas expectativas quanto a isso nunca foram supridas. Duas citações demonstram isso com muita clareza: “(...)a gente só fica sabendo que tem. Tem muita coisa que eu nunca vi, não sei nem como é.” (p.110). “Um lugar diferente, umas pessoas diferentes. Foi difícil entrar no ritmo da cidade. Acho que até hoje a gente não entrou. Também porque não deixaram.”(p.114)

O meio urbano para eles é ameaçador, já o campo é visto como patrimônio da família, como o local do sustento.

No relato sobre o cotidiano a autora fala de temas como a prostituição, uso de drogas, trabalho infantil, lazer (hoje completamente diferente do que era no lugar de origem), práticas religiosas (colonos e seringueiros quase não vão a igreja) e a nova organização familiar estabelecida. Para todos esses tópicos ela traz uma diversidade de exemplificações.

No quarto capítulo a autora finaliza seu trabalho utilizando os depoimentos já expostos anteriormente e alguns novos para entender o funcionamento da memória e

como ela caracteriza a identidade. O ato de lembrar é algo traumático que sempre está associado a um tempo e um espaço na forma de uma imagem. Por conseguinte, embora esteja ligado ao passado é uma ação do presente que está revestida de alguma imaginação.

Todo esse contexto é possível ser visualizado com muitos detalhes ao longo da leitura do livro. A autora permite um bom entendimento do processo de povoamento do estado do Acre, muito embora o livro não se atenha a explicar os ciclos da borracha que iniciaram, de fato, a inclusão de brasileiros na dinâmica da Amazônia Ocidental. Portanto, é necessária a leitura de outras obras sobre o tema para compreensão da real participação dos seringueiros na dinâmica econômica da região.

As entrevistas de colonos e seringueiros foram transcritas mantendo a linguagem original, o que considero fundamental para tornar o texto mais verossímil, principalmente por possibilitar a compreensão do funcionamento da memória. A segunda parte do livro, por tratar do tema em si, naturalmente nos envolve muito mais. À medida que os relatos vão sendo contados, fica ainda mais clara a segregação existente em Rio Branco e para o leitor, se não for emocionante, será no mínimo revelador. Esse é um problema que não existe apenas na capital acreana e pensar nisso é ainda mais chocante.

Esse livro é recomendado para leituras universitárias, embora alguns dos relatos que são apresentados com certeza possam ser muito bem aproveitados por professores do ensino médio e do ensino fundamental.

Recebido para publicação em junho de 2012
Aprovado para publicação em agosto de 2012